

Algumas notas sobre a quantificação de adjetivos de cor por *muito* e *pouco*¹²

Inês Cantante
cantante.ines@gmail.com
FLUP/CLUP (Portugal)

ABSTRACT.

The present investigation aimed to assess whether color adjectives, considering that they are qualificatives, could accept gradation and, if so, what type of scale they would be associated with. The paper begins by focusing on some of the existing literature on gradable adjectives, presenting, afterwards, some works specifically focused on color adjectives. The quantification of color adjectives was analyzed through the combination of the selected adjectives (primary colors: *yellow*, *blue* and *red* plus *black* and *white*) with the quantifiers *muito* and *pouco*. The results show that, in EP, the semantic investigation of this type of adjective is complex, since the readings obtained were not linear. In fact, there is, on the one hand, a typically gradable reading, which promotes a movement of the adjectives to a higher or lower point of the scale. It is possible, on the other hand, to obtain metaphorical readings, whose non-literal uses can have diverse meanings, which can either refer to physical or emotional states, skin tones, or even meanings that are very specific for EP, such as, for example, *to make a yellow smile*. It is thus difficult to evaluate the type of scale associated with these adjectives, since, in the case of intensity readings, there may indeed be an approximation to a representative prototype of the color, but the same does not apply to metaphorical readings.

KEYWORDS.

Color adjectives; quantification; gradability; quality reading; metaphoric reading.

RESUMO.

A presente investigação teve como objetivo avaliar se os adjetivos de cor, sendo qualificativos, poderiam aceitar graduação e, se sim, qual o tipo de escala a que estariam associados. O trabalho começa por focar alguma da literatura existente sobre adjetivos graduáveis, focando-se, depois, particularmente, nos adjetivos de cor. O estudo da quantificação deste tipo de adjetivos é feito através da verificação da compatibilidade com os quantificadores *muito* e *pouco*. Os resultados mostram que, em PE, a investigação semântica deste tipo de adjetivo é complexa, já que as leituras obtidas não são lineares. De facto, se existe, por um lado, uma leitura tipicamente graduável, que promove uma movimentação dos adjetivos para um ponto

¹ Gostaria de deixar o meu especial agradecimento aos avaliadores anónimos pelos seus comentários e sugestões, cujas contribuições foram fundamentais para melhorar a presente investigação.

² O presente trabalho foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. (FCT) (referência 2021.04998.BD).

mais elevado ou mais baixo da escala, é possível, por outro, obter leituras metafóricas, cujos usos não literais podem ter significados diversos, que tanto podem referir-se a estados, físicos ou psicológicos, como a tons de pele, passando por sentidos muito específicos do PE, como, por exemplo, *fazer um sorriso amarelo*. Assim, torna-se difícil avaliar o tipo de escala associado a estes adjetivos, já que, no caso das leituras de intensidade pode, sim, haver uma aproximação a um protótipo representativo da cor, mas o mesmo não se aplica às leituras metafóricas.

PALAVRAS-CHAVE.

Adjetivos de cor; quantificação; graduabilidade; leitura de qualidade; leitura metafórica.

1. Introdução

Os adjetivos de cor são tradicionalmente classificados como qualificativos, já que “denotam qualidades básicas, na sua maioria simples, que se aplicam a dimensões constitutivas dos vários tipos de entidades que os nomes podem denotar - p.e., forma, cor e tamanho relativamente aos objetos, características fisiológicas e disposição mental relativamente às pessoas etc.” (Veloso 2013: 1362).

Na Gramática do Português, Veloso (2013) considera quatro classes para os adjetivos: denotativos, avaliativos, modais e intensionais. É na primeira classe, a dos denotativos, que a autora inclui os adjetivos qualificativos e os relacionais, classes tradicionalmente aceites na literatura, embora, na maioria das vezes, tratadas como classes autónomas. Quanto aos adjetivos de cor, por sua vez, a autora inclui-os na classe dos qualificativos por considerar que estes adjetivos, em particular, atuam sobre um nome no sentido de denotar “propriedades que incidem sobre aspetos variados da entidade representada por esse nome” (p. 1368).

Considerando que podem referir-se a “propriedades associadas a dimensões cujos valores podem variar numa escala quantitativa, como a altura e a temperatura” (Veloso 2013: 1385)³, os adjetivos qualificativos aceitam graduação (cf. (1)), ao contrário dos adjetivos relacionais (cf. (2)). A graduabilidade dos adjetivos tem sido um tema bastante trabalhado por vários autores, entre os quais se destacam Kennedy & McNally (2005, 2010),

³ Uma propriedade que caracteriza os adjetivos de cor, especificamente, é o facto de que estes “exprimem propriedades “primitivas” das entidades representadas pelo nome modificado, ou seja, propriedades que se aplicam a diversas dimensões pré-determinadas que estruturam os vários tipos de entidades” (Veloso 2013: 1373).

Kennedy (1999, 2007), Kennedy & Levin (2008), entre muitos outros.

- (1) Este vestido é **muito** bonito.
- (2) *Esta guerra é **muito** europeia.

Assim, considerando que os adjetivos de cor pertencem à classe dos adjetivos qualificativos, exemplos como (3) mostram que parece possível quantificar este tipo de adjetivos, em Português Europeu (doravante PE).

- (3) Este vestido é **muito** vermelho.

Por outro lado, não existem, para o PE, muitos trabalhos que estudem a graduabilidade dos adjetivos de cor⁴. Por essa razão, a presente investigação pretende verificar se estes adjetivos são graduáveis ou não, bem como analisar sob que circunstâncias, i.e., em que contextos aparecem e, conseqüentemente, que leituras originam.

Numa primeira parte, far-se-á uma breve introdução acerca dos adjetivos, em particular os graduáveis, seguindo-se uma breve apresentação de alguns trabalhos e autores que focaram, particularmente, os adjetivos de cor. Em terceiro lugar, na secção seguinte, serão analisados exemplos do PE, que apresentam adjetivos de cor quantificados com *muito e pouco*, retirados da base de dados CetemPúblico. Estes exemplos serão analisados em simultâneo com uma breve reflexão acerca das leituras que originam e quais os fatores que as determinam, o que possibilitará, numa secção final, uma breve discussão sobre os dados e os resultados obtidos, juntamente com algumas observações finais.

⁴ Na verdade, para o Português, tanto Europeu como Brasileiro, os trabalhos sobre adjetivos de cor focam, sobretudo, questões morfológicas, relacionadas com a designação da cor, essencialmente de um ponto de vista do léxico, não focando os adjetivos de cor de uma perspetiva semântica, que se preocupe com os contextos de ocorrência e com as interpretações geradas.

Para o PE, Correia & Barbosa (2013) apresentam uma investigação com base nos nomes de cor do português, sob o ponto de vista da sua estrutura interna. O estudo permitiu-lhes concluir que, se, por um lado, “os nomes de cor básicos denominam seja a cor de forma genérica, seja a cor focal”, por outro, “as palavras construídas a partir desses nomes permitem a nomeação de variantes da cor básica em função das suas três principais dimensões: o tom, a luminosidade e a saturação” (Correia & Barbosa 2013: 402). Apesar de ser uma investigação pertinente, que foca algumas questões morfológicas e semânticas destes constituintes, o enfoque é maioritariamente lexicológico, procurando contribuir para a investigação acerca da denominação da cor, pelo que não corresponde, exatamente, ao objetivo do presente estudo. Para o Português do Brasil (PB), Zavaglia (1998, 2006, 2008) contribuiu bastante para o mesmo tipo de investigação, relacionada com os adjetivos de cor, estando a autora associada à apresentação de um modelo de dicionário temático trilingue (português-italiano-francês), precisamente relativo aos adjetivos de cor.

2. Reflexões sobre a graduabilidade dos adjetivos de cor

De um modo geral, pode dizer-se que os adjetivos graduáveis denotam propriedades que podem ser organizadas em escalas, que, segundo Kennedy & McNally (2005: 349), “map their arguments onto abstract representations of measurement, or degrees”. Assim, as escalas organizam os valores em graus, definidos como “points or intervals partially ordered along some dimension (e.g., height, cost, weight and so forth)” (Kennedy & McNally 2005: 349).

Sobre os adjetivos graduáveis, Kennedy & McNally (2005) notam que a sua interpretação depende, muitas vezes, do contexto, já que “what counts as *tall* or *expensive* may vary from context to context” (*ibidem*: 348). Considerando que as escalas associadas a este tipo de adjetivos podem estar relacionadas com três tipos de parâmetros – graus, dimensão de medição e relação de ordenação (cf. Kennedy & McNally 2005) –, as escalas deverão distinguir-se, precisamente, nesses três parâmetros, o que leva os autores a propor uma distinção entre adjetivos absolutos e relativos.

De facto, em ambos os casos, os adjetivos são sensíveis ao contexto, embora de forma diferente. Com efeito, considerando-se os adjetivos relativos, “different contexts pick out different sets of individuals of which the adjective can be truthfully predicated” (Aparício *et al.* 2015: 414). No entanto, a variação contextual associada aos adjetivos absolutos está relacionada com a distância em relação ao topo (máximo ou mínimo) da escala. Por outras palavras, esta variação contextual deverá ser menos restritiva com adjetivos relativos, como *alto*, do que com adjetivos como *cheio*, i.e., absolutos.

Tal facto poderá estar relacionado com o tipo de escala⁵ a que estes adjetivos estão associados: os adjetivos relativos representam escalas abertas e os adjetivos absolutos, escalas fechadas. Significa isto que, no primeiro caso, a escala não tem limites mínimo e máximo, pelo que não tem capacidade para, por si só, fornecer um *standard* de comparação, o que explica que este tenha de ser dado pelo contexto (cf. Aparício *et al.*

5 Note-se que, conforme notado por Kennedy & McNally (2005), os adjetivos podem estar associados a escalas abertas, i.e., sem limites, ou fechadas, que são limitadas em, pelo menos, uma das pontas. Na verdade, os autores reconhecem a possibilidade de quatro tipos de escalas: completamente fechadas (contêm limite máximo e mínimo), fechadas com limite mínimo, fechadas com limite máximo ou abertas (sem limite mínimo nem máximo).

2015: 415). Pelo contrário, os adjetivos absolutos, tipicamente associados a escalas fechadas, podem ter valor máximo e mínimo ou, pelo menos, um dos dois. Assim, nestes casos, a variabilidade contextual parece ser mais reduzida, uma vez que apenas pode dizer respeito a valores fornecidos pela própria escala.⁶ De uma forma geral, parece, de facto, possível afirmar que “gradable adjectives associated with totally open scales have relative standards; gradable adjectives that use totally or partially closed scales have absolute standards (Kennedy & McNally 2005: 361).

2.1. O caso dos adjetivos de cor

Kennedy & McNally (2010), ao olhar para um exemplo como (4), abaixo, refletem sobre o facto de os adjetivos de cor poderem estar associados a diferentes valores de verdade. De facto, segundo os autores, a frase pode ser verdadeira para um pintor/artista, para quem apenas a cor visível das *folhas* importa, mas não para um botânico, que deverá dar prioridade à constituição interna das *folhas* no momento de analisar a veracidade de (4), considerando-a, por isso, falsa.

(4) As folhas são **verdes**. (retirado e adaptado de Kennedy & McNally 2010)

Nesta linha encontram-se vários autores que têm tentado explicar que os adjetivos de cor apresentam variação contextual (cf. Travis 1985, 1994, 1997; Szabó 2001; Rothschild & Segal 2009; Clapp 2012; Hansen 2011, Hansen & Chemla 2017; Kennedy & McNally 2010; Zavaglia 2006, e.o.).

Szabó (2001), por exemplo, considera que o princípio da composicionalidade⁷ poderá ajudar a resolver esta questão. Para explicar a possibilidade de associação de diferentes valores de verdade ao mesmo enunciado, em diferentes contextos, o autor propõe a existência de uma

⁶ Note-se, ainda assim, que os adjetivos associados a escalas fechadas parecem apresentar alguma variação quanto ao valor do *standard* de comparação, já que “the standards for close-scale adjectives default to an endpoint of the scale: the minimum in some cases (e.g. awake and open), the maximum in others (e.g. asleep and straight)” (Kennedy & McNally 2005: 361)”.

⁷ O princípio da composicionalidade, atribuído a Frege (1892), propõe que o significado de uma expressão complexa é definido através dos significados das suas partes constituintes. Neste princípio, é também dada relevância à estrutura, responsável pela forma como os significados se combinam.

variável presente na denotação dos adjetivos de cor, que deverá funcionar como parâmetro, cujo valor será fornecido pelo contexto (cf. Szabó 2001).

Rothschild & Segal (2009), por sua vez, consideram os adjetivos de cor como expressões linguísticas cujo significado muda de contexto para contexto, tal como acontece com “the classic indexicals such as ‘I’, ‘here’, ‘now’, ‘that’, ‘he’, and ‘this’” (Rothschild & Segal 2009: 5). Por essa razão, os autores defendem que devem incluir-se, nesta classe, os adjetivos de cor. No entanto, Kennedy & McNally (2010) consideram que tal proposta não deve ser a resposta para o problema da ambiguidade contextual associada aos adjetivos de cor, já que não dá conta das restrições que condicionam os diferentes significados nos vários contextos (cf. Kennedy & McNally 2010: 6).⁸

Os mesmos autores mostram que o estudo dos adjetivos de cor é, de facto, complexo, quando afirmam que “the interpretation of particular color adjectives can vary systematically in ways that cannot be captured merely by reference to the part structure of their arguments (or comparison classes)” (Kennedy & McNally 2010: 5). Os autores propõem, assim, a distinção entre uma leitura graduável, que relaciona os adjetivos de cor com graus (em que a cor é manifestada num determinado objeto), e uma leitura não graduável, na qual se foca a presença/ausência da cor em questão num determinado objeto. Interessa, assim, saber se um determinado objeto apresenta ou não a cor, não importando, por isso, a medida em que tal acontece. Não se trata, portanto, de um conceito escalar, mas apenas de saber se a cor se manifesta ou não (cf. Kennedy & McNally 2010).

Sob a perspetiva de uma leitura graduável – em que os adjetivos representam uma função que associa objetos a graus, numa escala –, esta escala pode ser variável, representando quantidade de cor, por um lado, ou qualidade da cor, por outro. A leitura de quantidade relaciona-se com a atribuição da cor a um objeto numa determinada quantidade (i.e., *quanto* do objeto é daquela cor) e está associada a uma escala fechada, já que “in principle there exist both minimal and maximal degrees to which the property can be ascribed” (Kennedy & McNally 2010: 14). Já a leitura de qualidade representa a aproximação da

8 Outros autores apresentam diferentes propostas, como Clapp (2012), que olha para os adjetivos de cor como representando adjetivos absolutos, i.e., com escala fechada, mas apenas de *standard* mínimo, o que significa que, para que um objeto seja considerado, por exemplo, *verde*, apenas tem de apresentar a cor num determinado grau (que corresponderá ao grau mínimo da escala). Também McNally (2011) considera os adjetivos de cor como absolutos, mas não de *standard* mínimo, antes representando um valor mais próximo do meio da escala.

cor de um objeto a um determinado ‘protótipo’ representativo da cor atribuída pelo adjetivo. Também Rosch (1975: 193) nota que “color categories appear to be represented in cognition not as a set of criterial features with clear-cut boundaries but rather in terms of a prototype (the clearest cases, best examples) of the category surrounded by other colors of decreasing similarity to the prototype and of decreasing degree of membership” (Rosch 1975: 193). Assim, parece haver uma tendência para considerar que um protótipo deverá definir o grau de correspondência com o valor-padrão, já que, segundo Taylor (2003: 43), a aceitação de uma entidade como pertencente a uma dada categoria, está dependente da distância ao protótipo: quanto mais afastada estiver deste protótipo, menor deverá ser o grau de aceitação. Ainda assim, parece possível afirmar que os protótipos podem ser de dois tipos: focos de cor (‘focal colors’, segundo Kay & McDaniel (1978)), que correspondem, em termos cromáticos, às cores puras, i.e., ao que conceptualizamos acerca das cores, e que permite explicar que, por exemplo, *azul*, fisicamente (i.e., em termos cromáticos), corresponda sempre à mesma cor, independentemente da língua utilizada, como nota Taylor (2003: 53), ao afirmar que “even though different languages might carve up the color space differently, speakers of different languages tend to agree on the focal reference of their respective color terms”; ou, por outro lado, a informação de protótipo de uma cor pode estar relacionada com determinados pontos de referência, como, por exemplo, neve, para *branco*, sangue, para *vermelho*, ou ouro, para *amarelo*.

A leitura de qualidade deverá, assim, estar associada a uma escala fechada, em que o grau máximo corresponderá a um “perfect match with the prototype”⁹ (Kennedy & McNally 2010: 15). Se, no primeiro caso (leitura de quantidade), os adjetivos se podem combinar com os designados *proportional modifiers* (cf. Kennedy & McNally 2005)¹⁰, i.e.,

9 Esta ideia de correspondência com um protótipo tinha já sido notada por Sapir (1944), que refere que as dimensões da graduabilidade dos adjetivos de cor podem estar relacionadas, não apenas com a intensidade da cor, mas também com o “size of surface or volume characterized as red” e, talvez até mais importante, com o grau de conformidade em relação a “some accepted standard of redness” (Sapir 1944: 94).

10 Kennedy & McNally (2005) utilizam os designados *proportional modifiers* (*half, most, most of the way*), como uma forma de identificar o tipo de escala associada aos adjetivos graduáveis. De facto, como afirmam, “proportional modifiers fix the value of an adjective’s degree argument relative to maximum/minimum degrees on an adjective’s scale, and so are limited in their distributions to closed-scale adjectives” (Kennedy & McNally 2005: 369). Assim, adjetivos compatíveis com *proportional modifiers*, deverão representar uma escala fechada (cf. (i)), enquanto adjetivos incompatíveis, deverão estar ligados a escalas abertas (cf. (ii)).

(i) A caixa está **meio** aberta.
(ii) *A estrada está **meio** longa.

advérbios como *totalmente*, *completamente* ou *meio*, no segundo (leitura de qualidade), os adjetivos deverão aceitar a combinação com advérbios como *perfeitamente*. Vejam-se, a propósito desta diferença, os exemplos abaixo, retirados e adaptados de Kennedy & McNally (2010).

(5) A camisola do bebé era **completamente** azul, mas poderia ser de um tom de azul mais forte. = leitura de quantidade

(6) Os olhos do bebé eram **perfeitamente** azuis; não poderiam ser mais azuis. = leitura de qualidade

(Kennedy & McNally 2010: 16)

Kennedy & McNally (2010) defendem, assim, que os adjetivos de cor devem ser tratados, em termos semânticos, como os restantes adjetivos graduáveis, associados a uma escala, caso em que podem denotar uma leitura de quantidade ou de qualidade.

No entanto, deve ser considerada, também, a possibilidade de uma leitura não graduável, que funciona, de certa forma, como uma leitura classificatória, já que representa objetos ou indivíduos que, ou têm a propriedade denotada pelo indivíduo, ou não têm. Os autores defendem que esta leitura reflete a existência de uma correlação entre propriedades. Retomando o exemplo (1), relativo às folhas verdes, os autores defendem que a diferença entre a leitura graduável e não graduável permite distinguir as folhas “on the basis of why they are green (e.g. chlorophyll vs. paint)” ou “how they are green (depth of hue, proximity to a prototype, extent of the object, etc.)” (Kennedy & McNally 2010: 89).

Também Hansen (2011) e Hansen & Chemla (2017) aceitam a distinção entre adjetivos relativos, cuja avaliação é feita segundo “context sensitive standards (of, e.g., duration or price)”, e absolutos, cujos pontos de referência têm um valor fixo (Hansen & Chemla 2017: 240). No entanto, Hansen (2011) começa por rejeitar que os adjetivos de cor devam ser tratados como absolutos, acedendo, no entanto, à ideia de que estes últimos são menos sensíveis ao contexto do que os relativos (cf. Hansen & Chemla 2017: 240). De facto, num primeiro momento, considera que os adjetivos de cor se comportam como adjetivos relativos, porque, segundo este autor, as cores são, elas próprias, uma forma de propriedade relacional, por representarem

“relations between physical properties of objects, observation conditions, and types of observers” (Hansen 2011: 214).¹¹ Posteriormente, no entanto, reconhece que os adjetivos de cor não devem ser tratados como relativos (cf. Hansen & Chemla 2017), acabando por confirmar as intuições de Kennedy & McNally (2010).

Hansen & Chemla (2017) consideram, assim, a possibilidade de três grupos, cuja diferença reside na localização do valor-padrão na escala: *standard* mínimo, meio da escala ou *standard* máximo, o mesmo não acontecendo para a leitura qualitativa, que não apresenta qualquer tipo de padrão comportamental (cf. Hansen & Chemla 2017). Aceitando a existência de um morfema (nulo) para as formas positivas dos adjetivos – *pos* –, os autores consideram que os valores dos *standards* de comparação estão já no significado do adjetivo, uma vez que fazem parte do seu significado lexical, podendo combinar-se, podendo combinar-se com *pos* para “generate different truth conditions” (cf. Hansen & Chemla 2017: 243), sendo estes valores fixos, no caso dos adjetivos absolutos, e variáveis, consoante o contexto, nos adjetivos relativos.

Em relação à leitura quantitativa, acabam por concluir que os adjetivos de cor devem, efetivamente, ser analisados como adjetivos absolutos, não havendo, no entanto, uma resposta conclusiva em relação à localização do *standard* de comparação (ponto mínimo, máximo ou intermédio da escala). Os autores explicam esta variação recorrendo a um fator que denominam de *intolerância à imprecisão*, considerando que, ainda que possa haver um valor fixo para o *standard*, “there is variation among the adult population in how much imprecision is tolerated” (Hansen & Chemla 2017: 264). No entanto, salientam que a própria escala associada aos adjetivos de cor pode ser sensível ao contexto, mesmo que o *standard* se mantenha fixo num determinado ponto da escala (Hansen & Chemla 2017: 368).

De uma forma geral, para Hansen (2011), o estudo dos adjetivos de cor envolve vários fenómenos, nomeadamente a ambiguidade entre leituras graduáveis e não graduáveis (Kennedy & McNally 2010), a variação contextual que pode estar associada ao parâmetro da dimensão de medição

¹¹ O autor acaba por aproximar os adjetivos de cor aos predicados de gosto pessoal (*personal taste*), já que apresentam um elemento em comum, aquilo que o autor designou de ‘experiencer parameter’, cujo valor é dado pelo próprio contexto, em função do ‘experienciador’ (cf. Hansen 2011).

e, por fim, a natureza relacional dos adjetivos de cor, que representam relações entre as condições de observação e o observador (cf. Hansen 2011).

3. A graduabilidade dos adjetivos de cor em Português Europeu

Tendo em conta todas as considerações anteriores sobre adjetivos de cor, é objetivo deste trabalho analisar este tipo de adjetivos de um ponto de vista da sua graduabilidade. Assim, importa saber em que medida é que, sendo qualificativos, os adjetivos de cor, em PE, são graduáveis ou não. Importa, ainda, tentar perceber a que tipo de escala estão associados estes adjetivos: aberta (adjetivos relativos) ou fechada (adjetivos absolutos).

Neste estudo, a pesquisa foi restringida a cinco adjetivos. Para além de *branco* e de *preto*, foram selecionados os adjetivos que representam as cores primárias: *amarelo*, *vermelho* e *azul*. Todos os exemplos foram retirados do corpus CETEMPúblico.

A análise tentará responder às seguintes questões: qual a posição que os adjetivos de cor podem ocupar na frase (atributiva e predicativa), que tipo de objeto podem estes adjetivos qualificar e, por fim, quais as leituras que originam?

3.1. Graduabilidade das cores primárias em PE

Em PE, os adjetivos de cor podem ocorrer, na frase, em posição atributiva (cf. (7)) e predicativa (cf. (8)), como se confirma nos exemplos seguintes:

(7) A luz **muito amarela** dos candeeiros alumia os edifícios, todos muito iguais, dos arrabaldes de San Sebastian. (*par = ext601893-des-94a-2*)

(8) Ao secar, o lenço **ficou azul** porque o composto químico perdeu quatro das seis moléculas de água. (*par = ext230145-clt-soc-95b-1*)

No primeiro caso, a *luz muito amarela* refere-se, parece-me, ao tom da luz, que pode ter um tom mais ou menos *amarelado*. Já no segundo caso, a leitura é de cor literal, i.e., houve uma reação química que modificou a cor

do objeto *lenço*.

Apesar de não ser comum, foram, ainda, encontrados alguns casos em que os adjetivos de cor se combinam com o nome em posição atributiva pré-nominal, mantendo-se a interpretação de intensidade da cor (em (9), a interpretação é de *um vermelho muito forte/vivo*):

- (9) Chegam à caleche e o lado esquerdo do enquadramento é invadido pelo **muito vermelho** cabedal da carruagem. (*par=ext1209135-nd-95a-1*)

Este comportamento confirma que os adjetivos de cor devem ser tratados como adjetivos qualificativos e, por isso, graduáveis.

3.2. Adjetivos de cor em construções de grau: combinação com os quantificadores *muito/pouco*

Por serem muito utilizados em PE, os quantificadores *muito* e *pouco* poderão fornecer algumas pistas acerca do comportamento dos adjetivos de cor enquanto adjetivos graduáveis. Para as cores em análise, i.e., as cores primárias, os adjetivos que as representam parecem aceitar a combinação com o quantificador *muito*, como se pode verificar de seguida. Em todos os casos, a interpretação parece ser a de cor literal, mas quantificada, o que deverá refletir-se numa leitura (que será designada de intensidade), parafraseável por *um tom de (cor) muito forte*.

- (10) Foi sepultado a 15 e, porque perdera o sangue todo, estava seco como palha, **muito amarelo**, parecia uma figura de cera. (*par=ext1327878-soc-95a-2*)
- (11) Dos cestos das castanhas subia um fuminho muito simpático e **muito azul**, atribuído, enganosamente, por quem observava o espectáculo de longe, a granadas lacrimogéneas. (*par=ext322125-nd-94b-2*)
- (12) E simples: uma loura, pouco vestida, enlaçada por um gentleman, trincando uma maçã **muito vermelha**. (*par=ext712380-eco-93a-1*)

À partida, poder-se-ia pensar que os casos de *branco* e *preto* deveriam apresentar algumas dificuldades de aceitação com este quantificador, já que, representando o primeiro a totalidade das cores e o segundo a ausência de qualquer cor, deveriam corresponder, eles próprios, a topos de escala (i.e., graus máximos). Assim, a movimentação, promovida por *muito*, para pontos mais elevados na escala, deveria estar vedada a estes dois adjetivos, em particular, o que, de facto, não se verifica (cf. (13) e (14)).

- (13) «Um, um», diz, abana a cabeça e ri, os dentes **muito brancos**.
(par = ext353044-soc-98b-2)
- (14) Vestidos **muito pretos**, fita vermelha no chapéu, cravo vermelho bem firme na mão, dançam como a idade deixa, mas com mais convicção que a maioria dos jovens que as rodeiam.
(par = ext378429-pol-94b-2)

Em todos os exemplos apresentados acima, a interpretação é, também, a de graduação, propriamente dita, i.e., os quantificadores atuam, neste caso, no sentido de aumentar o grau de intensidade da cor mencionada. Dito por outras palavras, o que parece estar a ser avaliado, em termos gradativos, nos exemplos acima, é a intensidade da cor, “based on the physical and perceptual characteristics of color” (Kennedy & McNally 2010: 93). Esta avaliação, no entanto, nem sempre se aplica de forma literal, i.e., existem certos usos em PE, associados aos adjetivos de cor e às construções em que estes aparecem, que têm sentidos ligeiramente diferentes – metafóricos. Note-se o caso de *amarelo*, abaixo.

- (15) Um sorriso **muito amarelo**. (par = ext1020861-clt-93a-1)

Aplicado a *sorriso*, *amarelo* descreve, em PE, *um sorriso* que não tem verdadeiramente razão de o ser e que, por isso, é falso, normalmente associado a situações de desconforto ou embaraço. No caso particular do exemplo (15), a utilização do quantificador reforça, precisamente, esta situação.

Azul apresenta também alguns usos não literais, que podem fazer referência, por exemplo, aos tons apresentados pelo *mar* (cf. (16) e pelo *céu*

(cf. (17)), muitas vezes difíceis de definir e associados a noções de calma, profundidade, entre outras. Tratam-se, neste caso, de usos metonímicos do adjetivo.

- (16) Luís Pavão traz as recordações **muito azuis** dos «Mergulhos na Praia Grande» que fez e fotografou, com uma máquina especial, à prova de água, entre Julho e Agosto e 1988. (*par* = *ext400440-nd-91a-2*)
- (17) O sábado passava **muito azul** e muito quente. (*par* = *ext174293-pol-95a-2*)

No caso de (16), a expressão *recordações muito azuis* é uma construção metafórica que faz, precisamente, referência à cor do mar. O mesmo acontece com (17), em que a atribuição da característica *muito azul* à forma de passar de um *Sábado* é, claramente, metafórica, fazendo-se referência ao conceito de um dia quente (efetivamente referido logo de seguida), com céu limpo e, por isso, azul (i.e., sem nuvens).

Em casos muito específicos, em PE, *azul* pode ainda fazer referência a um estado de raiva, como o demonstra o exemplo abaixo.

- (18) Só com a ideia, Pinto da Costa **ficou azul**. (*par* = *ext591817-pol-94b-1*)

Já *vermelho*, por sua vez, tem, em termos metafóricos e metonímicos, um vínculo bastante marcado com questões políticas, sendo, normalmente, utilizado para referir partidos ou ideologias políticas mais ligadas à comumente designada 'esquerda' (cf. (19)). Pode, ainda, ser associado a estados emocionais (cf. (20))¹²:

- (19) (...) Só que naquela altura estávamos numa época vermelha, **muito vermelha** – Politicamente falando, é? (...). (*par* = *ext143689-pol-92b-3*)
- (20) Fulo, **vermelho de raiva**, gritou o seu inconformismo, agora libertador (*par* = *ext237195-pol-95b-2*)

¹² Note-se que, apesar de não se analisarem todos os adjetivos de cor no presente trabalho, adjetivos relativos a outras cores podem apresentar o mesmo tipo de comportamento, como é o caso de verde, abaixo:

(i) Um aspecto de relevância suficiente para fazer qualquer lisboeta ficar **verde de inveja**. (*par* = *ext157087-eco-95b-1*)

Contudo, quando modificado por *muito*, este adjetivo não parece apresentar, de forma tão visível, este vínculo.¹³ Na verdade, esta construção quantificada parece ser bastante utilizada para fazer referência a uma pessoa que se encontre corada, seja por questões de embaraço (cf. (21)), de raiva (cf. (22)), por ter feito um esforço superior ao normal (cf. (23)) ou, ainda, por ter a pele queimada (cf. (24)), casos em que a leitura deixa de ser apenas metafórica, passando a representar, também, usos metonímicos do adjetivo.

- (21) «Ah, não parlas?, pois devias», desdenhou um, indiferente ao espanto de um casal muito louro e **muito vermelho**, que se esforçava por compreender porque é que um bando de jovens pulava à sua volta e os bombardeava com perguntas. (*par = ext868982-nd-91a-1*)
- (22) Decreta 24 contos de multa ou 40 dias de prisão, mas o advogado levanta-se (**muito vermelho**) e pede recurso. (*par = ext1026157-soc-94a-2*)
- (23) A transpirar, **muito vermelho**, que o esforço não fora pouco, Luís Silva põe um ar compenetrado: (*par = ext1478822-clt-soc-95a-1*)
- (24) Sam Greenfield, um americano enorme, com quase dois metros de altura e **muito vermelho** pelos dois dias de sol na piscina do hotel Riviera, veio na primeira leva de «invasores», (...). (*par = ext1499684-des-91b-1*)

Os adjetivos *preto* e *branco*, mantendo as interpretações tipicamente associadas ao aumento do grau de intensidade da cor (cf. (25)), acrescentam a esta lista de interpretações a possibilidade de considerar variações para o tom de pele (cf. (25a)), por vezes associadas a questões étnicas (25b.), às quais, em alguns casos, se associam opiniões pessoais se associam opiniões pessoais, como a ironia representada em (26), através do uso do diminutivo (*familiazinha*). Neste último caso, a interpretação parece ser semelhante a

13 Se, no entanto, se tiver em atenção construções comparativas, com *mais* e/ou *menos*, a tendência para a associação do *vermelho* com a política volta a emergir, como se comprova nos exemplos abaixo. No entanto, por não ser o foco da presente investigação, este tipo de construção terá de ser analisado em trabalhos posteriores.

- (ii) Apenas a remota esperança de conservar algum poder político nos distritos alentejanos, progressivamente **menos vermelhos**, leva os comunistas a acreditar nas regiões-distritos. (*par = ext631579-soc-93a-2*)
- (iii) Há mesmo quem garanta que a influência de Carvalhas sobre o presidente da Câmara do município **mais vermelho** do país não foi alheia à sua recandidatura como cabeça-de-lista da CDU. (*par = ext1407363-pol-93a-1*)

temos muitas características/comportamentos de família caucasiana (i.e., branca).

- (25) Sabes que a tua árvore, a magnólia, já esta cheia de flores **muito brancas**? (*par = ext228570-soc-92b-2*)
- Até porque alguns de nós somos **muito brancos**» de pele. (*par = ext588806-soc -98a-1*)
 - Sem tirar o chapéu, mostrando umas pernas **muito brancas** a sair das calças arregaçadas, o homem lá avança contra as vagas purificadoras. (*par = ext1072634-clt-92b-2*)
- (26) Sem esquecer que a diversidade existe também entre os «portugueses»: ao contrário do que os governos pensam quando dizem que devem governar para o «consenso», não somos todos familiazinhas **muito brancas**, mui católicas e mui assustadas com as mudanças deste mundo. (*par = ext69868-opi-96b-2*)

Além disso, a cor branca é, muitas vezes, associada ao tom pálido ou descolorido da pele, principalmente do rosto, quando alguém está fisicamente debilitado (cf. (27)).

- (27) Foi então que notei que estava **muito branco** e deitava espuma pelo nariz.” (*par = ext429740-soc-92a-2*)

Por sua vez, *preto*, além da interpretação associada à graduação (cf. (28)), e ao tom de pele (cf. (29))¹⁴, tem, também, em PE, uma interpretação essencialmente associada a um acontecimento negativo, ou uma situação menos boa, como fica patente em (30), através do uso da expressão *a coisa está preta (muito preta, neste caso)*, de uso mais ou menos comum em PE.

14 No caso do adjetivo *preto*, contrariamente a *branco*, a sua utilização para fazer referência ao tom de pele, em particular quando quantificado por *muito*, envolve uma recategorização do adjetivo em nome (cf. (i) abaixo), e não existem muitos exemplos no CETEMPúblico. A explicação poderá estar relacionada com a conotação negativa (e racista) a que se associam estes usos de *preto*.

(i) Souberam testemunhar da vida miserável que **muitos pretos** levam em Portugal, da exploração de que são alvo por parte de empresários sem escrúpulos, do racismo que suportam, da saudade que sentem da terra natal. (*par = ext926967-clt-93a-1*)

- (28) Sou filha de nobres, bonita, elegante, de pele cheirosa e cabelos macios, **muito pretos** e lisos, tão brilhantes que até dá gosto! (par=ext590650-nd-91b-1)
- (29) Eu quando estou sóbrio não sou nada assim, disse Aurélio a estimular a circulação nos braços **muito pretos**. (par=ext709627-soc-96b-1)
- (30) «Oh, diabo... a coisa está **muito preta**. (par=ext816749-nd-95b-2)

Em alguns casos, a leitura pode ser ambígua. Note-se que, em (31), abaixo, a tonalidade preta associada aos *braços*, poderá dever-se, não ao tom de pele da *mulher* identificada, mas sim ao facto de estes conterem muitos *pelos*, como enfatizado através do adjetivo *peludos*. Já em (32), a ambiguidade prende-se com o facto de, ao referir-se uma *figura muito branca*, poder estar a fazer-se referência a uma de duas coisas: ou o tom de pele de *Santana Lopes*, ou o facto de este estar, por exemplo, vestido de branco.

- (31) Era «uma mulher alta, normal, com muito cabelo e os braços **muito pretos** e peludos, fazendo lembrar um homem». (par=ext298897-soc-93a-1)
- (32) Efusivamente saudado por mais de duas mil pessoas que encheram o espaço onde se realizou a festa-convívio, Santana Lopes não se cansou de distribuir beijos a novas e velhas senhoras que se abeiravam da sua figura «muito **branca** e charmosa», um pouco diferente daquela que a televisão e as revistas retratam. (par=ext17452-nd-98a-1)

Também em (33) parece haver a possibilidade de duas leituras. As interpretações possíveis podem dizer respeito à intensidade da cor do *hotel*, i.e., o grau com que o *branco* se manifesta, ou, por outro lado, estar mais relacionado com a quantidade de *branco*, i.e., pode ter várias áreas interiores ou exteriores brancas, bem como outros componentes, como as janelas e as paredes, que, quando combinadas, contribuem para uma grande ‘mancha’ de *branco*, para quem observa. Esta última interpretação aproxima-se de uma leitura do tipo mereológico – relativa às várias partes do *hotel*.

- (33) Aquele hotel **muito branco**, de paredes rendadas, surgindo subitamente por detrás das dunas, pareceu-me um prodígio.
(par = ext1298664-nd-95a-1)

Também em (34), embora possa haver a possibilidade de uma indicação de tonalidade, ou seja, intensidade da cor, a utilização do adjetivo pode, também, indicar que *muitas partes* da camisola (ou *uma grande parte* da camisola) têm a cor azul. Note-se a possibilidade da substituição de *muito* por um advérbio do tipo *parcialmente* (equivalente aos *proportional modifiers*) (cf. (34a.)), que comprova o caráter absoluto destes adjetivos (e, por isso, a sua associação a uma escala fechada).

- (34) No meio do diálogo, aproxima-se Milivoje Cukic, um sérvio de 61 anos com o nome preso a uma camisola **muito azul** que imita uma marca de renome. (par = ext717836-pol-96b-2)

- a. No meio do diálogo, aproxima-se Milivoje Cukic, um sérvio de 61 anos com o nome preso a uma camisola **parcialmente/totalmente azul** que imita uma marca de renome.¹⁵

Existem, ainda, situações em que a utilização do quantificador pode referir-se a uma grande quantidade de objetos da referida cor, como o demonstram os exemplos abaixo (cf. (35)-(38)). Nestes casos, portanto, a leitura adequada passa pela interpretação da quantidade, e não deverá ser confundida com a intensidade, observada acima.

- (35) Esplanada, cores vivas (**muito amarelo** e vermelho), música acelerada e empregados vestidos de preto com aventais coloridos.
(par = ext1306023-soc-98a-2)

¹⁵ Note-se que, em PE, a utilização de *meio*, neste contexto, equivalente ao inglês *half*, não se aplica, exatamente da mesma forma que os restantes *proportional modifiers*. No exemplo abaixo, *meio* não está a indicar que metade da camisola é azul (veja-se, a este propósito, (ia.)), servindo, antes, como uma forma de o autor indicar que não está certo quanto ao facto de a camisola ser, de facto, da cor mencionada:

- (i) No meio do diálogo, aproxima-se Milivoje Cukic, um sérvio de 61 anos com o nome preso a uma camisola **meio azul** que imita uma marca de renome.
a. No meio do diálogo, aproxima-se Milivoje Cukic, um sérvio de 61 anos com o nome preso a uma camisola **meia azul** que imita uma marca de renome.

- (36) Para os homens, **muito preto**, lisos, xadrez e canelado em blazer, blusão, polo, calças com cortes anatómicos. (*par=ext856181-soc-93a-1*)
- (37) Obras de Vieira da Silva e Arpad Szenes, azulejos de Manuel Cargaleiro e **muito branco** preenchem o interior. (*par=ext1359278-soc-97b-1*)
- (38) Do meu poiso, pois, além de um polvilhar breve de branco (os afloramentos das casas alfortinas), além de muito verde, vê-se **muito azul**, barrando ao fundo o quadro: é sob o céu, o mar. (*par=ext617541-opi-96b-1*)

Ainda sobre esta leitura de quantidade, notem-se os casos abaixo, em que os nomes aos quais os adjetivos se aplicam estão elididos. No primeiro caso (cf. (39)), provavelmente, *amarelos* e *vermelhos* deverão referir-se, em linguagem tipicamente associada ao mundo futebolístico, a cartões mostrados a um *jogador marroquino*. No segundo caso (cf. (40)), é possível recuperar o nome *votos*, referente à expressão *votos brancos*.

- (39) Este marroquino tem o defeito de ver **muitos amarelos e vermelhos**. (*par=ext1380184-des-96a-2*)
- (40) cinismo», de «desresponsabilização estatal que já desde há vários anos vem incidindo» sobre o sector. **Muitos brancos**, alguns nulos. Os mais de 60 mil votos brancos registados constituem um resultado fora do comum...

No entanto, a combinação com o quantificador *pouco* não parece tão comum, já que alguns destes adjetivos apenas a aceitam como parte da construção *um pouco* (cf. (41)), e outros não parecem aceitá-la, de todo, já que não foram encontrados exemplos representativos desta construção.

- (41) «Fair-play» acima de tudo, os visados acolheram com sorrisos (às vezes **um pouco amarelos**) as graças do cantador. (*par=ext1298137-soc-96a-1*)

Ainda assim, parece-me que poderá ser útil proceder à manipulação de alguns exemplos, para que se possa verificar quais as leituras obtidas e saber se há algum tipo de correspondência – de sentido inverso – com os resultados tidos para *muito* . Assim, (42), abaixo (manipulação do exemplo (12)), apesar da duvidosa aceitabilidade, pode ser interpretado, apenas no sentido em que se refere à gradação dos adjetivos, i.e., à intensidade da cor. Também em (43)¹⁶, a inserção de *pouco* torna a frase difícil de aceitar.

- (42) ? E simples: uma loura, pouco vestida, enlaçada por um gentleman, trincando uma maçã **pouco vermelha**.
- (43) ? É tudo pouco azul piscina, **pouco amarelo** sol e vermelho de automóvel.

No entanto, esta leitura não se mantém nos exemplos abaixo, em que, no caso da combinação com *muito* , se obtinham leituras de intensidade e, nestes casos, parecem mais relativas à quantidade observável da cor. Assim, em (44) (manipulação de (11)), a interpretação passa a ser a de que o *fumo* tem várias cores, entre as quais o *azul* , que não predomina.¹⁷

- (44) Dos cestos das castanhas subia um fuminho muito simpático e **pouco azul**, atribuído, enganosamente, (...) a granadas lacrimogéneas.

No exemplo seguinte, relativo ao nome *barba* , a utilização de *muito* induz uma leitura de intensidade da tonalidade da *barba* , i.e., é de um branco *muito intenso* (em oposição, por exemplo, a um branco sujo). Pode, ainda, haver a possibilidade de uma leitura mereológica, semelhante a

16 Manipulação do seguinte exemplo, retirado do CETEMPúblico:

(i) É tudo muito **azul piscina**, muito amarelo sol e vermelho de automóvel. (*par=ext166950-clt-93b-1*)

17 Note-se que a utilização de *um pouco* , ao invés de *pouco* , parece transmitir leituras relativas à intensidade da cor. De facto, tanto em (44) como em (45), as leituras obtidas não parecem referir-se à quantidade de partes do *fumo* ou da *barba* , respetivamente, que são da cor denotada pelo adjetivo, mas antes que a intensidade dessa cor não é muito forte. O mesmo acontece com (42), em que o sentido de *maçã um pouco vermelha* não deverá estar relacionado com a quantidade ou as partes da *maçã* que são, efetivamente, vermelhas, mas sim com a intensidade do vermelho atribuído à *maçã* (pouco forte/intenso). Vejam-se os exemplos (manipulados) abaixo:

(i) E simples: uma loura, pouco vestida, enlaçada por um gentleman, trincando uma maçã **um pouco vermelha**.
(ii) Dos cestos das castanhas subia um fuminho muito simpático e **um pouco azul**, atribuído, enganosamente, (...) a granadas lacrimogéneas.
(iii) Como Herbert, velho muito velho, negro muito negro, de barba branca **um pouco branca**, figura gravada na memória.

barba totalmente branca, com o sentido de *todas as partes da barba são brancas*. No entanto, *pouco*, no mesmo contexto, parece promover uma interpretação mereológica: refere-se, assim, que poucas partes da *barba* (i.e., *poucos pelos*) são brancas, o que torna, até, a leitura um pouco contraditória.

- (45) Como Herbert, velho muito velho, negro muito negro, de barba branca **muito branca**, figura gravada na memória (...).
(*par*=*ext384158-clt-97a-2*)
- a. Como Herbert, velho muito velho, negro muito negro, de barba branca **pouco branca**, figura gravada na memória.

A utilização de *pouco*, em combinação com adjetivos de cor, deveria transmitir um afastamento em relação ao protótipo, i.e., a baixa intensidade da cor ou a diminuição da superfície/volume que a cor deveria afetar (relativamente ao referente designado pelo nome). Ainda assim, a difícil aceitação destes adjetivos com a quantificação por *pouco*, e a forte restrição em relação à sua distribuição, parece revelar que esta utilização não é comum, talvez por não ser produtiva, na medida em que não traz informação relevante.

Note-se que, em relação aos usos literais, como mencionado anteriormente, o afastamento em relação ao valor-padrão torna difícil a aceitação de uma entidade como pertencendo a uma determinada categoria (cf. Taylor 2003). Neste caso, tal comportamento traduz-se pela não aceitação da cor, efetivamente: note-se que, em (44), *um fuminho pouco azul* não é, realmente, um fumo com a cor azul. Assim, para que a interpretação se torne possível, parece haver uma transição para a leitura mereológica, em que se define que poucas partes do fumo têm a cor azul.

Já relativamente aos usos não literais, as suas interpretações estão dependentes dos usos de cada língua, o que torna a interpretação relativa, em cada caso. Assim, a não ocorrência de casos de adjetivos de cor com *pouco* parece mostrar que os falantes desta língua (PE) não têm usos prototípicos com este quantificador.¹⁸

18 De facto, note-se a estranheza de (i), abaixo, em oposição a (ii):

(i) ?Ele ficou calmo e **pouco vermelho**.

4. Algumas conclusões possíveis e considerações finais

Os exemplos acima comprovam que o estudo dos adjetivos de cor é, realmente, complexo, pois são vários os fatores que se torna necessário analisar, para corretamente interpretar o tipo de função associada aos quantificadores.

Na presente investigação, apenas foi analisada a possibilidade de quantificação dos adjetivos de cor (relativos às cores primárias e, ainda, a *preto e branco*) por *muito e pouco*. Por essa razão, apenas faz sentido tecer considerações acerca da leitura graduável, associada a estes adjetivos, sendo, por isso, pouco produtiva uma discussão que se foque na leitura não graduável (i.e., classificatória), conforme proposto por Kennedy & McNally (2010).

Ainda assim, e sabendo que os referidos autores propuseram dois tipos de leituras, relativas à graduação deste tipo de adjetivos, parece importante compreender se se tratam, no caso do PE, de leituras relativas à quantidade ou à qualidade da cor.

Com efeito, nos casos em que a leitura está associada a uma graduação da cor, que reflete uma movimentação para pontos mais elevados (*muito*) ou mais baixos (*pouco*) da escala, a interpretação mais natural parece ser a de qualidade, i.e., de aproximação àquilo que, segundo Kennedy & McNally (2010), representa o protótipo da cor. Neste caso, a correspondência ao protótipo parece referir-se aos focos de cor, i.e., à correspondência cromática com o que é, cognitivamente, conceptualizado como uma determinada cor. Note-se (46), abaixo, em que esta leitura parece ficar ainda mais evidente, devido ao uso de *muito pretos*, para se referir a cor dos *pêlos*, reforçado, ainda, pelo uso de *mesmo* (*mesmo muito pretos*).

- (46) No tribunal, o casaco mantivera-se repuxado nos braços cheios de pêlos mesmo **muito pretos**. (*par = ext602455-soc-98a-1*)

Não me parece, neste caso, possível obter uma leitura de quantidade, já que não é feita referência a que quantidade de *pelos* é *preta*, o que segundo Kennedy & McNally (2010), seria a interpretação tipicamente

(ii) Ele ficou furioso e **muito vermelho**.

associada a esta leitura. Note-se que, de facto, para fazer uma interpretação desse tipo teria de procurar-se uma resposta à pergunta *quantos pelos são pretos?*, resposta essa que, numa escala fechada, apenas poderia ser dada se tivéssemos uma forma de contabilizar os referidos *pelos*, o que não é possível (nem relevante).

Porém, como mencionado na secção anterior, existem casos em que esta leitura de quantidade parece evidente, relativa a um grande número de objetos de uma determinada cor, que, no seu conjunto, contribuem para que exista uma grande ‘mancha’ da cor representada pelo adjetivo. Por outro lado, é possível, embora mais raro, obter, em certos exemplos, uma leitura mereológica, que diz respeito, não ao número de objetos, mas às partes de um mesmo objeto que contêm a referida cor.

Todavia, os exemplos recolhidos e analisados revestem-se de uma complexidade acrescida, já que, para todos os adjetivos estudados, foram obtidas leituras não literais, i.e., não exatamente relacionadas com a cor, propriamente dita. De facto, ao associar-se à tonalidade da pele, *amarelo* e *branco* podem ter um significado semelhante a *pálido*, e *vermelho a corado*, *enraivecido* ou, ainda, *escaldado/queimado pelo sol*. O *branco* e o *preto* estão muitas vezes associados, não só aos tons de pele mais ou menos brancos/pretos – dentro da etnia caucasiana e/ou africana – mas também são muito utilizados, nos exemplos em causa, para fazer referência às próprias etnias, estando, nestes casos, ligados a uma interpretação de quantidade de pessoas.

Por outro lado, existem usos muito específicos do PE, como *a coisa está preta*, ou *fazer um sorriso amarelo*, que são expressões utilizadas pelos falantes, no seu quotidiano, e que, de certa forma, são já do conhecimento partilhado da população, pelo que são automaticamente interpretados de forma não literal, não correspondendo, por isso, a uma graduação da cor.

Em suma, pode dizer-se que os adjetivos de cor aceitam quantificação, em PE, embora sejam, de um modo geral, mais compatíveis com *muito* do que com *pouco*, como mostra a tabela abaixo, baseada nos dados recolhidos no *corpus* CETEMPúblico.

TABELA 1 – Quantificação dos adjetivos de cor por *muito* e *pouco*

	Muito	Pouco
Branco	Sim	Sim
Preto	Sim	Não
Amarelo	Sim	Não
Azul	Sim	Sim (apenas 1 ocorrência)
Vermelho	Sim	Não

Quanto ao tipo de leituras obtidas, parece possível afirmar, por um lado, que os adjetivos de cor quantificados podem induzir, maioritariamente, leituras de qualidade, que medem uma aproximação ao protótipo representativo da cor em questão, e que pode ser parafraseada por *um tom de (cor) muito intenso/forte/vivo*. Desse ponto de vista, poder-se-ia considerar que a escala associada a estes adjetivos deveria ser fechada, com o protótipo representativo da cor a corresponder ao seu topo máximo. No entanto, o presente estudo confirma, por outro lado, que, em PE, estes adjetivos não têm um comportamento uniforme quanto ao tipo de leitura que induzem, pois podem ter significados não literais, que variam consoante o adjetivo estudado. Estas diferenças são apresentadas na tabela abaixo, também ela baseada nos dados recolhidos no âmbito da presente investigação.¹⁹ Este comportamento torna difícil uma avaliação do tipo de escala, porque não parece possível tecer considerações acerca do limite máximo ou mínimo para, por exemplo, *um sorriso amarelo*.

¹⁹ Note-se que, em textos de medicina, por exemplo, a aplicação do adjetivo *azul* ao tom de pele poderá ser mais frequente, o que mostra que o tipo de texto em análise pode, também, ter importância quanto ao contexto sobre o qual o adjetivo atua e, conseqüentemente, quanto às leituras que induz.

TABELA 2 – Leituras obtidas através da quantificação de adjetivos de cor por *muito e pouco*

Tipos de leitura		Branco	Preto	Ama- relo	Azul	Verme- lho
Literal	Intensidade	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Não Literal	Tom de pele	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
	Conotação política	Não	Não	Não	Não	Sim
	Emoções	Sim (estado físico)	Não	Não	Sim (uso metafórico)	Sim
	Expressões de uso comum	Não	Sim	Sim	Não	Não

Assim, apesar de constituir um estudo inicial, que permite levantar algumas pistas acerca do comportamento dos adjetivos de cor em PE, fica, contudo, muito por dizer. Futuramente, poder-se-á fazer um estudo do mesmo tipo – i.e., um levantamento das interpretações possíveis – para casos em que os adjetivos de cor aparecem em estruturas comparativas. Por outro lado, poderia também ser interessante averiguar com que advérbios podem estes adjetivos combinar-se, já que poderiam fornecer uma boa pista acerca do tipo de leitura que induzem e, conseqüentemente, a que tipo de escala deverão estar associados (cf. Kennedy & McNally 2010). Além disso, seria importante aumentar o número de adjetivos em estudo, bem como focar, particularmente, a distinção entre *vermelho* e *encarnado*, para verificar se existem diferenças no uso destas duas designações, i.e., se ambas se referem à mesma cor ou se, pelo contrário, são utilizadas com o intuito de distinguir duas cores ou dois tons da mesma cor.

REFERÊNCIAS

- Aparício, H., Xiang, M., & Kennedy, C. (2015). Processing gradable adjectives in context: a visual world study. In S. D'Antonio, M. Moroney, & C. R. Little (Eds.), *Proceedings of SALT 25* (pp. 413-432). Linguistic Society of America & Cornell Linguistics Circle.
- Clapp, L. (2012). Indexical color-predicates: Truth-conditional semantics vs. truth-conditional pragmatics. *Canadian Journal of Philosophy*, 42(2), 71-100.
- Correia, M., & Barbosa, S. (2013). Para o estudo da denominação da cor em português: estrutura e significado dos nomes e adjetivos construídos. *Filologia linguística portuguesa*, 15(2), 385-406.
- Frege, G. (1892). On sense and reference. In P. Geach, & M. Black (Eds.), *Translations from the Philosophical Writings of Gottlob Frege* (2.^a ed., 1960, pp. 56-85). Basil Blackwell.
- Hansen, N. (2011). Color adjectives and radical contextualism. *Linguistic and Philosophy*, 34(3), 201-221.
- Hansen, N., & Chemla, E. (2017). Color adjectives, standards, and thresholds: an experimental investigation. *Linguistic and Philosophy*, 40(3), 239-278.
- Kay, P., & McDaniel, C. K. (1978). The linguistic significance of the meanings of basic color terms. *Language*, 54(3), 610-646.
- Kennedy, C. (1999). *Projecting the adjective: The syntax and semantics of gradability and comparison*. Garland. (1997 UCSC Tese de Doutoramento).
- Kennedy, C. (2007). Vagueness and grammar: The semantics of relative and absolute gradable adjectives. *Linguistics and Philosophy*, 30(1), 1-45.
- Kennedy, C., & Levin, B. (2008). Measure of change: The adjectival core of degree achievements. In L. McNally, & C. Kennedy (Eds.), *Adjectives and adverbs: Syntax, semantics and discourse* (pp. 156-182). Oxford University Press.
- Kennedy, C., & McNally, L. (2005). Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. *Language*, 81(2), 345-381.
- Kennedy, C., & McNally, L. (2010). Color, context, and compositionality. *Synthese*, 174(1), 79-98.
- McNally, L. (2011). The relative role of property type and scale structure in explaining the behavior of gradable adjectives. *VIC 2009: Papers from the ESSLI 2009 workshop on vagueness in communication* (Vol. 6517, pp. 151-168). Springer.
- Rosch, E. (1975). Cognitive representations of semantic categories. *Journal of Experimental Psychology: General*, 104(3), 192-233.
- Rothschild, D., & Segal, G. (2009). Indexical predicates. *Mind and language*, 24(4), 467-493.

- Sapir, E. (1944). Grading, a study in semantics. *Philosophy of Science*, 11(2), 93-116.
- Szabó, Z. (2001). Adjectives in context. In I. Kenesei, & R. M. Hamish (Eds.), *Perspectives on semantics, pragmatics, and discourse: A Festschrift for Ferenc Kiefer* (pp. 119-146). John Benjamins.
- Taylor, J. R. (2003). Prototypes in Cognitive Linguistics. In P. Robinson, & N. C. Ellis (Eds.), *Handbook of Cognitive Linguistics and Second Language Acquisition* (pp. 39-65). Routledge.
- Travis, C. (1985). On what is strictly speaking true. *Canadian Journal of Philosophy*, 15(2), 187-229.
- Travis, C. (1994). On constraints of generality. *Proceedings of the Aristotelian Society* (Vol. 94, pp. 165-188). Aristotelian Society.
- Travis, C. (1997). Pragmatics. In B. Hale, & C. Wright (Eds.), *A companion to the philosophy of language* (pp. 87-107). Blackwell.
- Veloso, R. (2013). Adjetivo e Sintagma Adjetival. In E. B. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A. C. da Mota, L. Segura, & A. Mendes (Eds.), *Gramática do Português* (Vol. 2, Cap. 31, pp. 1359-1493). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Zavaglia, C. (1998). Aspectos semânticos dos cromônimos entre as línguas italiana e portuguesa do Brasil. *Estudos Lingüísticos*, 27, 912-917.
- Zavaglia, C. (2006). Dicionário e cores. *Alfa*, 50(2), 25-41.
- Zavaglia, C. (2008). Quem tem boca vai a Roma: as cores dos provérbios. In A. N. Isquierdo, & M. J. B. Finatto (Orgs.), *As ciências do léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia* (Vol. 4, pp. 113-131). Editora da UFMS.